

CELEBRAÇÃO / No Dia Nacional da Umbanda, religião de origem brasileira, terreiros do DF marcam a data

Fé, caridade e resistência

» VITÓRIA TORRES

A Umbanda retrata a alma brasileira. Nascida do encontro entre tradições africanas, indígenas, católicas e kardecistas, a religião carrega o significado da diversidade que forma o país. Nos terreiros, fé e caridade caminham juntas, com espaços onde o acolhimento, o auxílio espiritual e o trabalho social se transformam em atos de solidariedade.

Celebrado amanhã, o Dia Nacional da Umbanda remonta a 1908, quando, em 15 de novembro, o médium Zélio Fernandino de Moraes incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Para muitos, trata-se do marco inicial da religião. A data é mais do que uma comemoração, é um símbolo de resistência, reafirmando o direito de existir e professar a fé em um Brasil que, em sua pluralidade, também é sagrado.

O Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória (Ceansg), na Asa Norte, que completou 60 anos em 15 de agosto, comemora a data há mais de uma década. “Nós celebramos há 12 anos, ano seguinte à sanção da Lei. O terreiro fará uma homenagem a todos os orixás e guias da casa, com pontos cantados para cada um deles. Em determinado momento, a assistência é convidada a tomar um passe numa corrente magnética formada por médiuns incorporados por alguma das linhas homenageadas. Ao final, todos recebem as frutas consagradas”, conta Gilberto Marcos, adjuntó da casa.

Para ele, a religião é guiada por valores universais: “Umbanda é amor, paz, caridade e humildade. Todos deveriam doar um pouco de si, deixando de lado o preconceito e a vaidade, entendendo que todos nós somos irmãos perante a Deus”.

A religião da Umbanda tem como objetivo também a caridade e as ações sociais. “Ajudamos em torno de 600 famílias com cestas básicas ao longo do ano. Já no atendimento espiritual, atendemos entre 200 e 400 pessoas por dia de trabalho”, completa.

Ele explica as diferenças entre as religiões afro-brasileiras. Segundo Gilberto, o Candomblé é mais antigo e com rituais conservadores, focado no culto direto aos orixás. A Umbanda é mais recente, surgiu no Brasil, e sincretiza elementos de várias culturas, com incorporação de caboclos e pretos-velhos.

Na estrutura do Ceansg, há a Sociedade Assistencial Recanto da Mãe Jurema (Sarema), que promove ações sociais, como distribuição de cestas básicas, almoços e doação de roupas, entre outros, para pessoas em situação de vulnerabilidade. O centro trabalha, ainda, para montar uma creche.

Sincretismo

O presidente da Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília, Rafael Moreira, afirma que o DF tem mais de 700 terreiros. “Hoje, podemos andar com nossas guias e roupas de proteção nas ruas. É um trabalho longo que os mais velhos começaram e que continua para combater a intolerância. Ainda somos perseguidos, mas queremos garantir que as futuras gerações possam escolher a nossa religião sem preconceito”, destaca.

Cada terreiro tem suas singularidades. Alguns, por exemplo, adotam atabaques e imagens de orixás africanos. Outros não fazem uso do instrumento, e as imagens de santos católicos representam os orixás, devido ao sincretismo religioso.

Fotos: Bruna Gaston CB/DA Press



Babalorixá Milton ti Oiyà, do Centro Espírita Caboclo Aymoré e Pai Manuel de Angola (Ceama), em Samambaia

Fotos: Vitória Torres/CB



Celso Faria ((E), presidente espiritual do Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória (Ceansg), e Gilberto Marcos, adjuntó do terreiro

Em Samambaia, o Centro Espírita Caboclo Aymoré e Pai Manuel de Angola (Ceama) também celebra a data. O babalorixá Milton ti Oiyà, 58 anos, ministro religioso desde 1996, ressalta que a Umbanda é essencialmente latino-americana, com referências africanas. “Na África, Umbanda não existe. Nossa missão é fazer trabalhos filantrópicos, como entrega de cestas, sopas, agasalhos e cobertores. A caridade é um foco de grandeza e crescimento espiritual”. O espaço vai comemorar a ocasião com um encontro religioso, homenageando as entidades mestres do templo.

A estudante Anna Gomes, 21 anos, de Ceilândia, frequenta a religião há cinco anos. “Eu sempre tive muita fé em Deus, mas comecei a estudar a história do Brasil e percebi que precisava conhecer mais sobre as religiões de matriz africana. Desde então, nunca parei de frequentar. Na Umbanda, eu vejo caridade, doação e ausência de julgamentos. Você pode ser quem você é, sem fazer mal a ninguém. Eu tenho me encontrado como pessoa”, diz.

Solidariedade

Ajuda a vulneráveis

Em Ceilândia, o Centro Espírita Caminhos de Santo Antônio de Pádua (CECSAP) mantém um projeto social voltado a mulheres em vulnerabilidade. A coordenadora e médium da casa de Umbanda, Suzete Cunha, conta que, entre 2021 e 2022, 113 mulheres foram ajudadas só no curso de costura. Em 2024, foram 139. O foco é sustentável, criando bolsas com retalhos.

“Nossa casa é laica, para que todos possam participar. Aqui dentro a gente não fala sobre a nossa fé. Nosso público conta com muitas mulheres que chegam desempregadas ou passando por dificuldades. Eu me sinto muito grata por estar aqui e por

Bruna Gaston CB/DA Press



Suzete Cunha é coordenadora pedagógica do CECSAP

ser umbandista. Sei que estamos cumprindo a nossa missão não apenas no lado espiritual, mas também no acolhimento material e profissional”, observa.

A ação social não se expande porque depende da legalização da ocupação da área onde está há 31 anos.

Para ela, o contato direto com



Atabaques são instrumentos usados no Ceama



“Templo de orixás mestres” no Ceama



Representações de Oxalá e de Iemanjá no Ceansg



Imagem de Iemanjá na entrada do templo do Ceansg

o terreiro tem transformado a percepção das pessoas sobre o que acontece nesses espaços. “É muito gratificante perceber que a comunidade está se aproximando da Umbanda e enxergando a religião de uma forma diferente. Elas chegam aqui e veem algo que não passava no imaginário da maioria, que achavam que seria misterioso. Mas, quando conhecem, percebem que é um lugar de fé, acolhimento e muito trabalho voltado ao bem”, avalia.

A dirigente destaca o papel do terreiro na superação de preconceitos históricos. “Vamos quebrando barreiras de preconceito. É uma entidade de portas abertas para quem quiser ser voluntário”, disse. “Tem muita gente que não é da Umbanda, mas que contribui imensamente com o trabalho. E isso mostra que o respeito e a solidariedade estão acima de qualquer crença”.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 13 de novembro de 2025

» Campo da Esperança

Cecília Vieira de Oliveira, menos de 1 ano
José Ricardo, 62 anos
Joubert Fernandes Parreira, 92 anos
Mário César Monteiro de Alencar, 66 anos
Valdir Ferreira da Rocha, 89 anos
Ydima Motta Maia Jovita, 87 anos

» Taguatinga

Almerice de Andrade e Silva, 90 anos
Gisleide Rosa de Souza, 45 anos
Jaira Pereira do Nascimento, 33 anos
Joaquina Maria de Sousa, 74 anos
José Severiano Alves, 66 anos
Klausber Estevam Rocha, 39 anos
Luiz Gonzaga Alves de Souza, 76 anos
Marco Antônio Pereira, 60 anos

Maria Aurélina da Cruz Silva, 85 anos
Marluce Juca de Araújo, 88 anos
Paulo Roberto Candeia Rodrigues, 54 anos

» Gama

Aracy Soares de Amorim, 86 anos
Faraildes Araújo da Costa, 82 anos
Maria Rosângela Araújo Rodrigues, 58 anos

» Planaltina

Marcos Andrade de Souza, 52 anos
Maria Clemente de Castro, 83 anos
Patrik Alves Amaral, 30 anos
Queila Moreira dos Santos, 38 anos

» Brazlândia

Dilca Almeida dos Santos, 47 anos
Helena Ribeiro Viana, 78 anos

» Sobradinho

Abdias Cristalino Pereira, 85 anos

Eulina da Conceição Oliveira Gonçalves, 71 anos
Feliciana Nogueira, 57 anos

» Jardim Metropolitano

Jurany de Souza Nunes, 87 anos (cremação)
Maria Ester Vieira da Silva, 56 anos
Rafael Bispo de Amorim, 35 anos
Sônia Mesquita Pinke, 80 anos (cremação)